

RESENHAS

AMARAL, Aracy A. — *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. (São Paulo) Ed. Martins (1970) 197 pp.

Com base em ampla documentação, obtida nos arquivos de Tarsila do Amaral, Arquivos do Estado de S. Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da USP, Biblioteca Municipal Mário de Andrade, Arquivo de *O Estado de S. Paulo*, Arquivos dos *Diários Associados*, além de arquivos particulares, sem falar dos depoimentos, quer orais, quer extraídos de textos de contemporâneos do Modernismo, a Autora indica a influência de Cendrars nos modernistas brasileiros, antes e depois de sua primeira visita ao Brasil, em 1924; acompanha a sua trajetória no espaço brasileiro — viagens ao Rio e às cidades históricas de Minas — e levanta os fatos decorrentes da sua presença entre nós, abordando-os sob vários ângulos. O artigo-saudação de Mário de Andrade, as conferências de Cendrars, os projetos de um filme sobre o Brasil e de um bailado — cujo teatro seria de Oswald de Andrade, a cenografia de Tarsila e a música de Villa Lobos, — as relações de amizade entre Cendrars e Paulo Prado e a visão daquele por Yan de Almeida Prado, tais são, entre outros, os aspectos explorados. A isso se acrescenta um esboço indicador da presença do Brasil na obra de Blaise Cendrars, que se completa por uma "tentativa de bibliografia de Blaise Cendrars e o Brasil", além da bibliografia consultada. A Autora transcreve, no final do livro, quatro artigos de João Alves das Neves, publicados no *O Estado de S. Paulo* e intitulados Cendrars e o Brasil, Cendrars e o café, Cendrars e a Utopiolândia, Cendrars e *A selva*.

O trabalho é enriquecido de farta iconografia, qualidade esta prejudicada pela ausência de um índice iconográfico e de indicações iconográficas na maioria dos desenhos. Encontram-se no livro 10 fotografias; uma reprodução fac-similar da página final de *Feuilles de Route*, com ilustração de Tarsila; numerosos clichês reproduzindo carta enviada a Oswald de Andrade por Wedderkop, da revista *Querschnitt*, ingresso de teatro para os *Ballets Suédois*, programa de conferências de Villa Kyril, capa do livro de Cendrars *La fin du monde filmée par Pange Notre Dame*, capa da revista *Klaxton*, anúncio do cabaré *Le boueuf sur le toit*, 5 artigos sobre B. Cendrars, 11 cartas, bilhetes e postais, manuscritos e datilografados, enviados por Cendrars a Tarsila e outros, 3 páginas datilografadas com poemas de Cendrars escritos no Brasil sobre o Brasil, retrato de Cendrars desenhado por Modigliani e 19 desenhos de Tarsila, inclusive ilustrações e capa de *Feuilles de Route*: 1. *Le Formose* e um estudo para cartaz.

A Autora chama a atenção para o fato de Blaise Cendrars ser conhecido e estudado pelos modernistas já antes da Semana, tendo influenciado Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Luiz Aranha e, em particular, Oswald de Andrade. A propósito, cita o seguinte testemunho de Manuel Bandeira: "Ribeiro Couto e eu sabíamos de cor passagens desses poemas, e creio que posso confessar que foi talvez Cendrars que despertou em mim o gosto da poesia do cotidiano; é sem dúvida também de Cendrars que veio o gosto dos poetas modernistas brasileiros pela poesia do prosaico cotidiano. (...) E quem sabe se o gosto pelo *poème-blague* também?" (1).

Além da influência de Cendrars na fase fundamental de definição da pintura de Tarsila, em Paris, 1923, a Autora observa o quanto o turismo doméstico por ele instigado povoa a obra da pintora, como também a de Oswald de Andrade. A visita às cidades mineiras, em 1924, documenta-se visualmente na pintura posterior de Tarsila, baseada em numerosos esboços, rapidamente registrados durante a viagem. Da mesma forma, as impressões recolhidas por Oswald durante o carnaval no Rio e a excursão a Minas constituíram parte considerável dos poemas de *Pau Brasil*. A Autora nos alerta, em particular, para as relações Cendrars-Oswald, que propõe serem revistas em termos críticos. Sallenta, além disso, o estreito contacto do poeta suíço-francês com o campo das artes plásticas e do cinema e, por conseguinte, os aspectos plásticos-visuais que contagiaram a sua poesia, tendo o mesmo ocorrido com Oswald. A abolição da pontuação, bem como a inclusão de números, nomes de casas, títulos de jornais e outras colagens, além de variados recursos de apelo aos sentidos foram imediatamente "deglutidos" por Oswald de Andrade no seu livro *Pau Brasil*.

Oswald e Tarsila não assumiram, em relação a Cendrars, a atitude respeitadora do epígono diante do mestre, mas com ele conviveram e dialogaram num plano de igualdade, se é que não obtiveram a desejada "exportação" de poesia. O fato é que Oswald e Cendrars llam-se mutuamente e que este acompanhou de perto a composição dos poemas de *Pau Brasil*.

Se Blaise Cendrars exerceu considerável influência entre os poetas modernistas brasileiros, contudo o principal influxo recebido por ele — é o que a Autora assevera — não seria proveniente dos brasileiros e sim do Brasil, que desde 1924 ocupa lugar destacado em sua obra. No dizer de João Alves, o poeta de *Feuilles de Route* deu "mais coisas ao mundo sobre bichos, paisagens e homens brasileiros do que dez ministros da propaganda todos juntos". (2) Entretanto, não é daí que decorre a sua importância fundamental e sim de seu trabalho de mediador da descoberta do Brasil pelos brasileiros e o seu relacionamento com a vanguarda francesa. Observa a Autora que foi precisamente da França, tão e de tantas maneiras "macaqueada" pela intelectualidade brasileira, desde o reinado de D. João VI, que viria o poeta Cendrars atrair a nossa atenção para o Brasil como matéria-prima de arte e literatura, acertando em cheio no estado de espírito reinante desde as comemorações do Centenário da Independência.

Blaise, muito embora demonstrasse uma avidez de exotismo bem européia, procurou um conhecimento do Brasil mais profundo do que o solicitado pelo turista típico. Nunca se deixou iludir pelas famigeradas descrições de cidades brasileiras com serpentes pelas ruas e baratas gigantescas nos hotéis. Por sinal, ele inventa um Brasil a seu modo, mistura fatos, lugares e datas, apagando as fronteiras entre o real e o imaginário, o que não impede suas narrativas de serem fiéis e mesmo saborosas quanto à atmosfera brasileira. O seu interesse pelo Brasil levou-o, graças à convivência com Paulo Prado, a familiarizar-se com a nossa história e literatura, chegando a ler, no original, *Os sertões*, *Retrato do Brasil* e *Macunaima*.

Avesso às capelas literárias parisienses, ao aportar no Brasil a bordo da "cavaleira" *Le Formose*, em vez de pontificar sobre os princípios da modernidade parisiense, deixa-se fascinar pelo que vê, como a querer desviar os olhares, por demais voltados para a Europa. Referindo-se a seus amigos modernistas de S. Paulo, assim se expressa em seu livro *Trop c'est trop*: "C'est beau l'enthousiasme. Mais en attendant, mes amis étaient insupportables, car s'était tout de même un cénacle, et écrivains, journalistes e poètes singeaient de loin ce qui se faisait à Paris, New York, Berlin, Rome, Moscou". (3) Certa ocasião, Cendrars teria exclamado: "Brésiliens, gardez vos trésors!" (4) É curioso o entusiasmo que ele manifesta, em *Trop c'est trop*, pelo romance do Nordeste, provavelmente por considerá-lo autenticamente brasileiro, pois acrescenta que grandes escritores como José Lins do Rêgo, Jorge Amado e Graciliano Ramos escaparam ao tradicional estágio de aprendizagem em Paris.

Segundo a Autora, a dupla face do nosso movimento modernista — a escola de Paris e a tradição brasileira — ter-se-ia unificado graças à visão de Cendrars, que insistia na aceitação pelo brasileiro de suas próprias fontes. No que diz respeito à aceitação não só dos valores brasileiros, mas dos valores do passado brasileiro, a Autora, citando Brito Broca, faz notar que, sendo os modernistas homens eminentemente voltados para o futuro, poderia parecer contraditório que fossem mostrar a Cendrars precisamente as velhas cidades mineiras. Explica-se o contrasenso: "María uma lógica interior no caso. O divórcio, em que a maior parte dos nossos escritores sempre viveu, da realidade brasileira, fazia com que a paisagem de Minas barroca surgisse aos olhos dos modernistas, como qualquer coisa de novo e original, dentro, portanto, do quadro de novidade e originalidade que eles procuravam". (5)

"Esperando que este estudo abra novos caminhos e desperte interesse para uma análise em profundidade sobre Blaise Cendrars no Brasil e seu papel no movimento modernista brasileiro, fazemos votos para que os tradutores de nosso país iniciem finalmente a aguardada divulgação da longa obra de Cendrars inspirada no Brasil. Este era um desejo por longo tempo acalentado — embora irrealizado — por Sérgio Milliet, a cuja memória, por essa mesma razão prestamos homenagem". Com esta epígrafe a Autora abre e ao mesmo tempo define seu livro, a saber, como um trabalho destinado a apontar rumos para a crítica e historiografia literárias, bem como para os estudos de artes plásticas, no que concerne ao movimento modernista brasileiro. Nesse sentido, o estudo em questão parece-nos alcançar a sua finalidade, valendo ainda não só pelo trabalho de pesquisa e pela documentação que o sustentam, como também pelo senso histórico-literário que se manifesta na seleção dos fatos. Com efeito, em torno da presença de Blaise Cendrars no Brasil, toca a Autora em dois problemas fundamentais da literatura e arte modernistas: a oposição entre nativismo e desejo de atualização, que admite influências estrangeiras, e a relação dos modernistas com o passado brasileiro. — CAMILA MENDES DE ALMEIDA.

1. BANDEIRA, Manuel — La poésie de Blaise Cendrars et les poètes brésiliens. *Journal Français du Brésil*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1957 apud AMARAL, Aracy A. — *Blaise Cendrars...*, p. 43.
2. NEVES, João Alves das — Cendrars e o café. In: AMARAL, Aracy A. — *Blaise Cendrars...*, p. 181.
3. CENDRARS, Blaise — *Trop c'est trop*. Paris, Ed. Denoel, 1957. p. 155 apud AMARAL, Aracy A. — *Blaise Cendrars...*, p. 17-8.
4. MAYR, W. — Chez Blaise Cendrars. *Le Journal Littéraire*, Paris, 3 jan. 1925 apud AMARAL, Aracy A. — *Blaise Cendrars...*, p. 47.
5. BROCA, Brito — Blaise Cendrars no Brasil, em 1924. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 4 maio 1952 apud AMARAL, Aracy A. — *Blaise Cendrars...*, p. 14.